Espaço em Revista
ISNN:1519-7816 v. 17, n. 1, jan/jun 2015. p. 85-102

O CAPITALISMO AGRÁRIO NA ATIVIDADE CAFEEIRA NO MUNICÍPIO DE PATROCÍNIO (MG)

Túlio Oliveira Veríssimo[1]
tulio.oliverissimo@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo compreender a territorialização da atividade cafeeira no município de Patrocínio do período de 1970 a 2014 por meio do método dialético. Para alcançar os propósitos da pesquisa, utilizaram-se procedimentos metodológicos como a pesquisa bibliográfica para a fundamentação teórica e a seleção do método na ciência geográfica para a pesquisa, a coleta de dados do Censo Agropecuário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e informações em instituições ligadas ao setor cafeeiro no município. Com a utilização desses procedimentos, constatou-se que a produção de café foi, nas últimas três décadas, responsável pela sustentação econômica, crescimento populacional do município de Patrocínio, e consequentemente, mudanças na paisagem tanto no campo, quanto na cidade. As cooperativas de café, agroindústrias, empresas de corretagem, comércios, entre outros segmentos ligados ao café, são resultados da expansão da cafeicultura, além de ser uma das formas utilizadas pelos produtores para expandir a produção de café e, consequentemente, a reprodução do capital.
Palavras-chave: Café. Capitalismo agrário. Patrocínio (MG).

THE AGRARIAN CAPITALISM IN COFFEE ACTIVITY IN THE COUNTY OF PATROCÍNIO (MG)

Abstract: This study aims to understand the territorialization of coffee activity in the sponsorship of the municipality from 1970 to 2014 through the dialectical method. To achieve the research purposes, we used methodological procedures such as literature for the theoretical foundation and the selection of the method in science geographic for research, data collection Census of Agriculture of the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) and information on institutions linked to the coffee sector in the municipality. By using these procedures, it was found that coffee production was, in the last three decades, responsible for economic support, population growth in the county of Patrocínio, and consequently, changes in the landscape both in the field or in the city. The coffee cooperatives, agribusinesses, brokerage firms, trades, among other segments attached to coffee, are the result of the coffee expansion, in addition to being one of the ways used by farmers to expand coffee production and hence the reproduction of capital .
Keywords: Coffee. Agrarian Capitalism. Patrocínio (MG).

1 Introdução

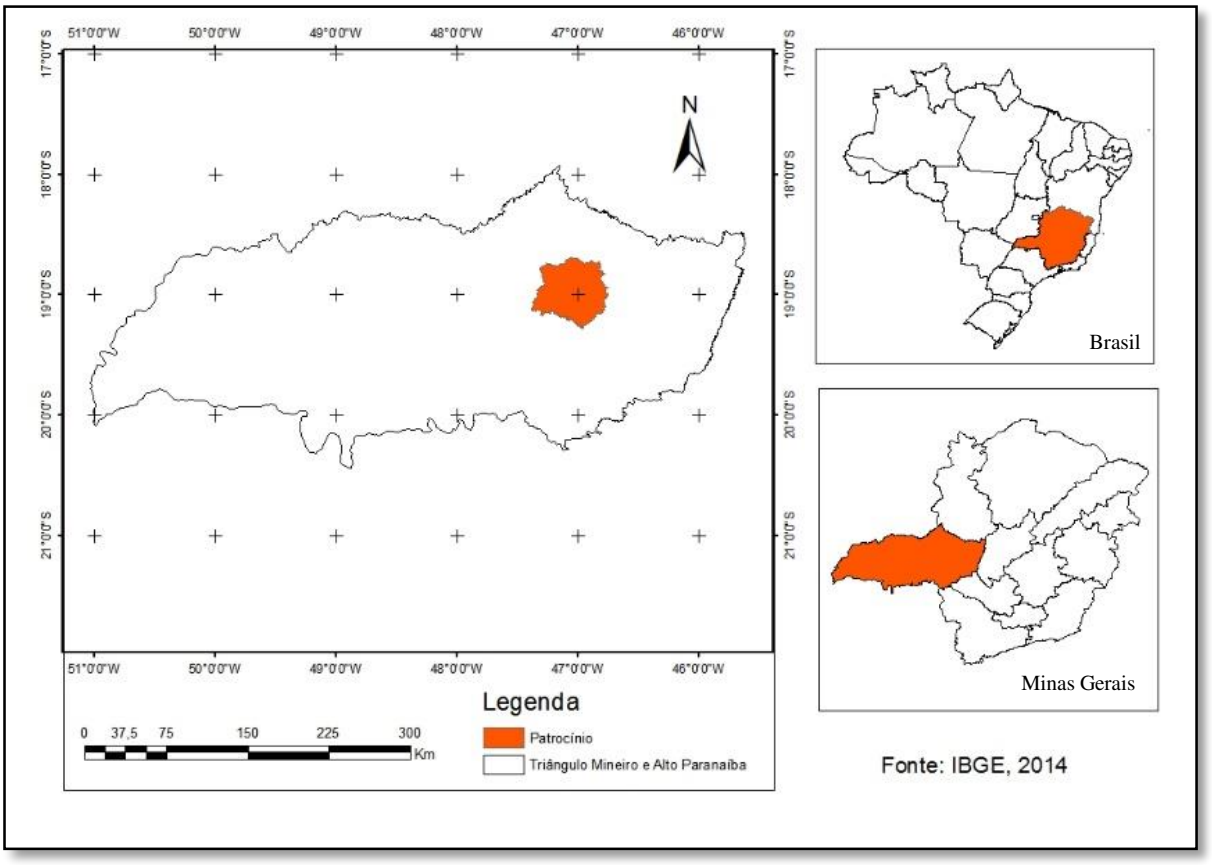
As áreas do Cerrado e, de forma mais especifica, o Triângulo Mineiro e o Alto Paranaíba, desde o final da década de 1970 tornaram-se palco de transformações espaciais, socioeconômicas e ambientais, decorrentes da expansão das monoculturas de café, contribuindo para o Brasil se constituir o maior dos produtores mundiais desse grão.

O presente trabalho aborda sobre um dos principais produtos agrícola do Brasil que se destacam no mercado internacional, ou seja, o café, tendo como foco o município de Patrocínio

[1] Mestrando do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa de Geografia Agrária e Trabalho (GEPEAT UFU-FACIP) e do Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociambientais (NEPSA – CNPq).

(Figura 1), no período pós 1970, tratando da sua territorialização e transformação socioespacial acarretada com a atividade cafeeira na relação campo-cidade.

Figura 1 - Localização do município de Patrocínio (MG).



Org.: Pereira, L. A. (2014).

O Brasil tem uma produção de café destacada em relação a outros países, representando 1/3 da produção mundial, visto que tem tido nas últimas décadas um crescimento significativo, sendo Minas Gerais o estado com maior parte da contribuição, possuindo mais da metade da produção total do país, e Patrocínio se destaca como o maior município produtor do Brasil, sendo responsável por 2,25% da produção brasileira, segundo dados do IBGE (2014).

A expansão da atividade cafeeira para as Mesorregiões Sul, Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba se destacam por apresentarem características edafoclimáticas favoráveis para o desenvolvimento dos cafezais. Em função dos fatores físicos, sobretudo, relevo e solos, Minas Gerais atraiu produtores de café, principalmente oriundos do estado do Paraná e São Paulo. Somado aos fatores físicos, as políticas públicas favoreceram a territorialização da atividade cafeeira em Patrocínio.

Em busca de maior produtividade e rentabilidade os cafeicultores de Patrocínio geraram um produto reconhecido internacionalmente, bem como grande colaborador para a economia

do município, do estado e do Brasil. O café conhecido como Café da Região do Cerrado, é uma marca registrada de uma região composta pelas Mesorregiões Noroeste e Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, reunindo 55 municípios e 4.500 produtores e 8 associações de produtores, fundada em 1995. As características para a produção do café de qualidade variam da altitude do relevo, de 800 a 1.300 metros, com clima bem definido: verões quentes e úmidos, com invernos amenos e secos.

A formação da cidade de Patrocínio teve como base econômica o café, sustentando o crescimento populacional e o desenvolvimento econômico do município. A origem de cooperativas de produtores de café, as empresas de corretagem, os comércios, entre outros segmentos ligados ao café, são resultados da expansão da cafeicultura. Essas transformações que ocorreram, são perceptíveis na paisagem. Podendo ser elencados: o crescimento populacional da cidade, o desenvolvimento urbano, as relações sociais e a polarização da cidade. Nesse sentido, o trabalho se justifica pela importância da produção do café no município, mas também por almejar compreender reestruturação produtiva no município de Patrocínio com a expansão de lavouras de café a partir da década de 1970. Devido ao artigo propor a análise do recorte espacial em um município, é de grande valia ressaltar que a categoria território está vinculada ao território de ocupação do café, de como territorializou e territorializa.

A partir do exposto, o objetivo geral do trabalho consiste em compreender a territorialização da atividade cafeeira no município de Patrocínio do período de 1970 a 2014. No qual os objetivos específicos se encaixam em analisar a territorialização da produção de café no município de Patrocínio; explicar o capitalismo agrário e a modernização da agricultura na atividade cafeeira do município; entender as formas de organização da produção agrícola com a territorialização cafeeira; e verificar as políticas públicas para o setor agrícola, especialmente as que influenciaram o cultivo do café em Patrocínio.

Para alcançar os propósitos do trabalho, utilizou-se os procedimentos metodológicos como a documentação indireta, começando por um estudo teórico das questões como a cafeicultura no Brasil e em Minas Gerais, a modernização da agricultura, reprodução do capital e o capitalismo agrário. A segunda etapa consiste no levantamento de dados estatísticos, em pesquisas documentais (ou em fontes primárias), podendo ser retirados de instituições ligadas ao setor cafeeiro, bem como a órgãos nacionais e em banco de dados diversos, como o IBGE, Associações e Cooperativas da área de estudo, a fim de verificar as modificações da organização do espaço rural e urbano, interligadas às políticas públicas criadas e aos investimentos no setor, entre outros dados que possam assegurar a pesquisa. Por fim, a etapa

final consiste em estruturação da pesquisa com respostas as abordagens colocadas, relacionando com os processos e compreensão da forma de organização da produção socioespacial pela cafeicultura no município.

2 O método na pesquisa agrária e o capitalismo agrário

Para a ciência geográfica, o método é o condutor principal, fornecendo ferramentas e o caminho para que se possa atingir os objetivos propostos. No caso do presente trabalho, o método do materialismo histórico dialético vem como o instrumento para permitir a condução da pesquisa agrária e embasamento teórico nos estudos do café no município de Patrocínio.

Conforme Rique (2014, p. 46), o Materialismo Histórico Dialético foi criado por Marx, aprofundando a lógica dialética hegeliana, na medida em que a conduz para as relações efetivas da sociedade. O método dialético de Marx não é apenas um método científico, mas uma transformação na forma de se pensar a si mesmo e o outro, de como se posicionar politicamente no universo da opressão desta sociedade que se vive. A dialética marxista estuda a realidade como ela é, nas suas relações mais profundas, sem preconizar acontecimentos, e Marx buscou o econômico para compreender a história da humanidade (RIQUE, 2014, p. 49).

A autora ainda aponta que os estudiosos que se apoiam nos princípios marxianos e que utilizam a dialética como método nas suas investigações sobre a realidade social, usam a estrutura econômica da sociedade como centro de suas abordagens (RIQUE, 2014), tal como efetiva-se ao apontar a economia de Patrocínio baseada no café, entendendo como a *commodity* foi capaz de transformar a realidade do município citado com sua territorialização.

Automaticamente, quando se trata de territorialização, relações de poder e a inserção do capital na produção do café, caminha-se juntamente com materialismo histórico dialético. Quando o capitalismo se consolida, atuando fortemente nas relações sociais, Marx acaba produzindo um saber objetivo e racional, objetivo pelo fato de representar a observação do real/histórico; e racional devido ser guiado por demonstrações e deduções lógicas, rigorosas e necessárias (GOMES, 1996, p. 281).

De acordo com o autor supracitado, o materialismo histórico dialético é o método que possibilita transitar da realidade caótica para uma estrutura racional, organizada e operacionalizada em um sistema de pensamento, partindo da busca de elementos essenciais comuns que estruturam o real, do singular ao geral. E é a partir de tal concepção que este estudo se conduz, uma vez que é preciso compreender como as transformações econômicas no Brasil e na produção do café formaram a realidade de Patrocínio.

Para Gomes (1996, p. 282), "a perspectiva marxista encontra no método materialista-histórico o instrumento capaz de projetar a percepção para além do fenomenológico, fazendo sobressair as verdadeiras essências escondidas atrás das aparências." Assim, estudo do café no município, precisa do amparo científico do método para analisar, mais profundamente, o que se pode constatar imediatamente por meio do senso comum.

Com a prática do materialismo histórico dialético nas pesquisas, a perspectivas marxistas definem uma nova atitude do cientista em relação à sociedade, tornando-o sempre crítico, preparado para denunciar as armadilhas ideológicas criadas pelo saber comprometido com a situação em seu momento. Assim, a prática científica deve favorecer a ligação entre o saber e a transformação social (GOMES, 1996). A intenção de se apoiar no marxismo não tem a finalidade de simplesmente gerar conhecimento por si só, mas que de alguma forma abranja a outros e mostre uma nova visão de realidade. "A ciência para Marx se torna o único meio positivo de instituir a verdade e deve servir àqueles que querem agir na sociedade." (GOMES, 1996, p. 284). O autor, então afirma que:

> no fim dos anos sessenta e durante toda a década de setenta, o marxismo exerceu uma forte influência sobre as ciências sociais. De fato, esta influência se fez em dois níveis. De um lado, impôs uma retificação do trabalho acadêmico para enquadrá-lo em uma visão mais ampla e consciente do contexto político da ciência e da sociedade. O marxismo foi, assim, o instrumento de discussões sobre a responsabilidade social dos pesquisadores e a apropriação do trabalho científico. De outro lado, a doutrina marxista deu a possibilidade às ciências sociais de desenvolverem modelos teóricos deterministas inteiramente concebidos na esfera do domínio social, isto é, independentes dos modelos das ciências naturais, que até então eram os únicos a propor modelos verdadeiramente racionalistas e objetivos. (GOMES, 1996, p. 284).

Dessa forma, o pesquisador na ciência geográfica, e, no caso da pesquisa agrária, ao se apoiar no método marxista de realizar suas análises, inevitavelmente após conceber interpretações da realidade na sua essência, torna-se um sujeito engajado e incomodado com as situações que são consequências do modelo capitalista de sociedade. O engajamento transforma o indivíduo de senso comum em um ser atuante na realidade em que está inserido, por meio de atitudes que lhe compete para promover a mudança e buscar um novo modelo de mundo que anseia.

O modelo capitalista de produção não deixa de permear no meio rural, a agricultura toma face do capital na sua organização, seu formato de organização passa a atender as demandas do contexto de mercado globalizado, ou seja, aparece o capital agrário como o modificador das relações de produção agrícola. A agricultura como estratégia para atuação do

capital. Segundo Abramovay (2007, p. 43), "o produtor mercantil tem sua existência cindida por sua dupla condição de só poder satisfazer seus interesses quando se volta para o outro: não, porém, num processo de colaboração direta e imediatamente social, mas no mercado." Para o autor,

> mas – e é nesse sentido que Marx não faz um trabalho *sociológico* - o desfecho da batalha é dado de antemão, bem como seu sentido geral: a tendência a que os homens dependam cada vez mais uns dos outros na reprodução de sua vida material, sem que o entretanto possam ter um controle racional sobre essa sua dependência, a generalização do trabalho assalariado, mediatizado porém pelo capital, a constituição de um sujeito coletivo responsável cada vez mais pela produção social, mas preso por sua submissão a proprietários privados, esse conjunto de contradições é resolvido quando essa nova *espécie* criada pelo capitalismo (o trabalhador coletivo) exerce a "cooperação e a propriedade comum da terra e dos meios de produção produzidos pelos próprio trabalho" (Marx, 1985, p. 294) e instaura portanto uma outra sociabilidade baseada antes de tudo na cooperação consciente e voluntária entre os indivíduos, mas sobre a base das grandes conquistas técnicas que o capitalismo desenvolveu. (ABRAMOVAY, 2007, p. 44, grifos do autor).

Sendo assim, o capitalismo atinge todas as esferas existentes de mercado, fazendo o meio rural ser abarcado por esse formato de produção, como estratégia do capital se alastrar por todos os possíveis meios de produção e se instaurar enquanto modelo. Assim, o mercado globalizado do capitalismo faz sua imposição perversa nas relações produtivas agrícolas, transformando o cenário rural.

3 A modernização da agricultura e o capitalismo na produção do café em Patrocínio

O Brasil é o maior produtor (Tabela 1) e exportador mundial de café e o segundo maior consumidor do produto, atrás apenas dos Estados Unidos. A safra brasileira alcançou, em 2014, 2.804.070 toneladas, com destaque, para Minas Gerais, que respondeu por 48,65% da produção nacional, seguido do Espírito Santo, São Paulo, Bahia, Rondônia e Paraná. Em função dos diversos climas, altitudes e tipos de solo, os produtores brasileiros obtêm diferentes padrões de qualidades, entre as duas espécies cultivadas; o café Arábica e o café Conilon. Espacialmente, a produção de café Arábica concentra em São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Bahia e parte do Espírito Santo, enquanto, o café Conilon é plantado principalmente no Espírito Santo e Rondônia. Conforme Frederico (2014, p. 66), enquanto o Conilon é cultivado em regiões de temperaturas mais elevadas, com médias de 26ºC, e altitude de até 500 metros, o Arábica é adaptado às regiões mais frias, médias de 20ºCe, com altitude acima de 800 metros.

Tabela 1: Produção de café dos principais países produtores de 2011 a 2014 (anos selecionados).

Países	2014		2013		2012		2011	
	Produção (saca 60Kg)	**Part. (%)**	**Produção (saca 60Kg)**	**Part. (%)**	**Produção (saca 60Kg)**	**Part. (%)**	**Produção (saca 60Kg)**	**Part. (%)**
Brasil	45.346	32,16	49.152	33,60	50.826	34,99	43.484	32,87
Vietnã	26.000	18,44	25.000	17,09	22.000	15,15	22.289	16,85
Indonésia	9.000	6,38	11.667	7,97	12.730	8,76	7.287	5,51
Colômbia	12.100	8,58	11.000	7,52	10.000	6,89	7.653	5,78
Outros	48.554	34,44	49.481	33,82	49.685	34,21	51.591	38,99
TOTAL	141.000	100	146.300	100	145.241	100	132.304	100

Fonte: Associação brasileira de indústria do café (ABIC) - 2014.
Org.: Veríssimo, T. O. (2015).

A produção de café faz parte da história da formação econômica do Brasil, em função de constituir mercado internacional, integrar regiões, contribuir para o processo de industrialização e iniciar o processo de modernização do território brasileiro.

De acordo com Morais (2006, p. 41), o Brasil emergiu como um país produtor de café entre os anos 1850 e 1930 e após algumas décadas de declínio da produção, retomou o crescimento a partir de 1970. Os principais fatores que propulsaram a produção cafeeira em meados do século XIX foram: o declínio da economia dos engenhos de açúcar; solo e clima ideal nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo; construção de ferrovias no interior paulista que permitia o escoamento; investimentos ingleses na economia brasileira e o consumo mundial do produto. Por aproximadamente um século, o café foi considerado o "ouro verde", possibilitando o desenvolvimento econômico do Brasil.

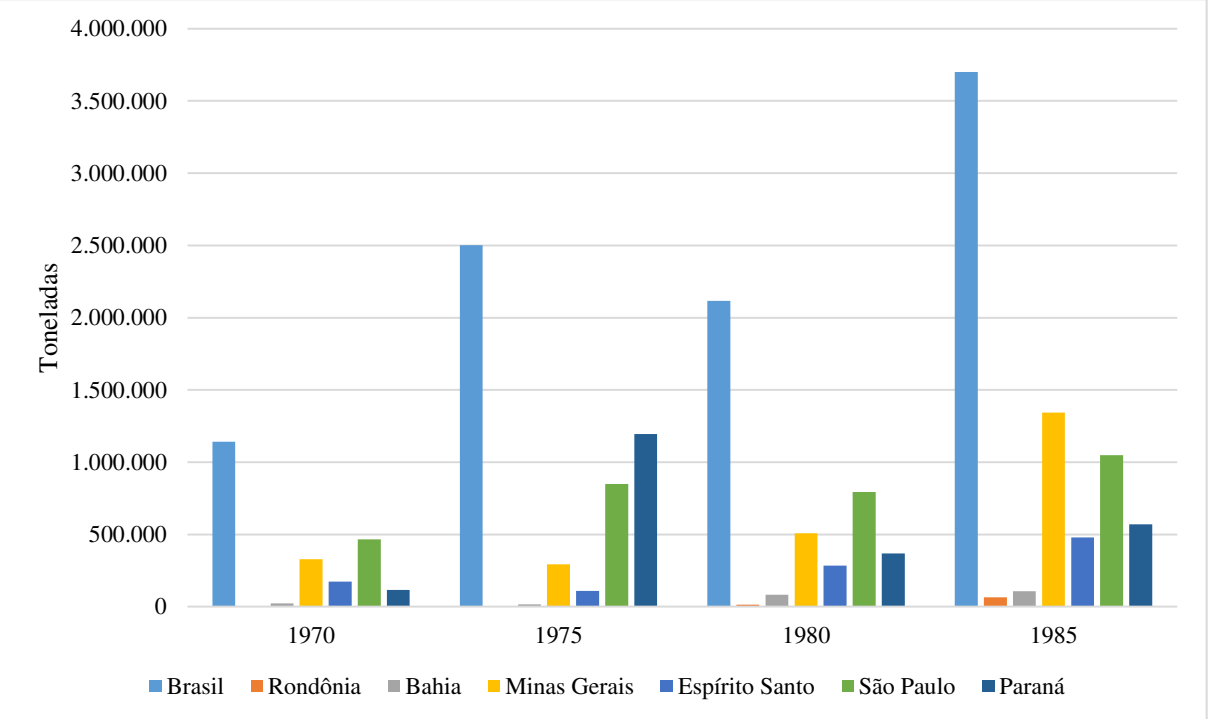
Entretanto, a produção de café passou por colapso com a chamada crise de 1929. Com a crise, a importação do café diminuiu muito, e com isso, os cafeicultores começaram a deixar a atividade. A industrialização que começava a despontar no Brasil passou a constituir o motor da economia.

Conforme Frederico (2014), o café passou por outros momentos de crises, como nos períodos da década de 1960/1970, associada às políticas neoliberais, a financeirização da economia também contribui para a situação, em que os corretores da Bolsa do Café de Nova York, por exemplo, cogitavam em acabar com as negociações devido aos baixos valores dos contratos futuros para o café. Ainda conforme o autor, com o fim dos Acordos Internacionais do Café (AIC), em 1989, que eram responsáveis pela regulação do mercado cafeeiro mundial, significou uma guerra entre os países e regiões produtoras querendo fatias maiores do mercado de café. Na década de 1990, os preços finais do produto alcançaram suas menores médias históricas, afetando produtores da Colômbia, do Vietnã e os pequenos produtores do Brasil. Os

únicos que ganham são as grandes empresas torrefadoras e *tradings*, formando um oligopólio na venda do café.

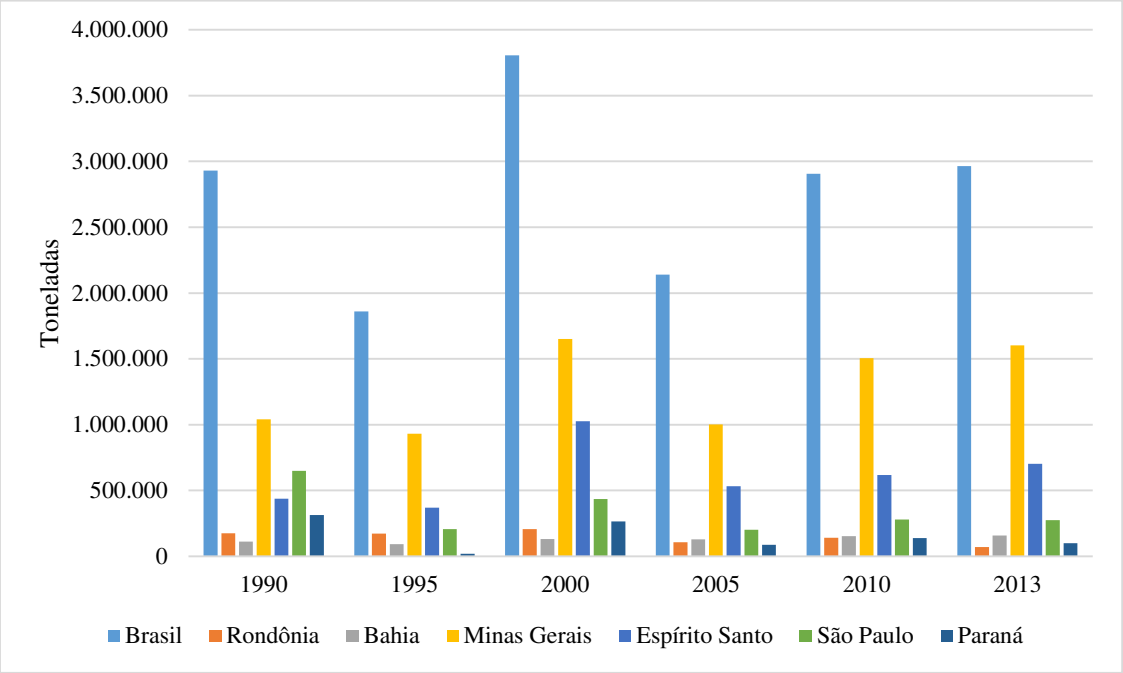
A reestruturação espacial da produção cafeeira no Brasil ocorreu na década de 1970, em que uma das geadas mais intensas do século reduziu a área cultivada com café do Paraná, estado responsável pela metade da produção brasileira no período. Na busca de novas oportunidades, os produtores atingidos pela "geada negra", nome dado pelo fato do frio queimar as folhas, escurecer e matar as plantações, encontraram chances de se reestabelecerem em Minas Gerais em função das condições físicas e incentivos do governo. Os Gráficos 1 e 2 mostram a reestruturação da produção cafeeira no Brasil, com a expansão, principalmente para Minas Gerais e Espirito Santo. Minas Gerais, desde 1985, desponta como principal produtor de café do Brasil, seguido pelo estado do Espirito Santo que tornou segundo produtor nacional após a década de 1990.

Gráfico 1: Produção de café no Brasil e nos principais estados produtores de 1970 a 1985 (anos selecionados).



Fonte: IBGE (2015). Org.: Veríssimo, T. O. (2015).

Gráfico 2: Produção de café no Brasil e nos principais estados produtores de 1990 a 2013 (anos selecionados).



Fonte: IBGE (2015). Org.: Veríssimo, T. O. (2015).

Com a modernização da agricultura, os discursos de elevar os indicadores da economia agropecuária, a facilidade de crédito e subsídios por parte do governo, fez crescer a incidência de monoculturas, atingindo diversas regiões e tipos de produção. Com o Cerrado aconteceu esse processo novo instaurado no Brasil, tornando-se alvo de interesse, visto como, uma nova fronteira agrícola e uma área de possibilidade de produção.

Esse novo modelo de produção exige uma nova forma de ocupação do espaço agrário, uma vez que a prática do agronegócio demanda grandes áreas para produzir na quantidade que o mercado capitalista determina. Logo, áreas de Cerrado, que é o bioma que o município de Patrocínio está inserido, vão dando lugar às lavouras de monocultura e pastagens.

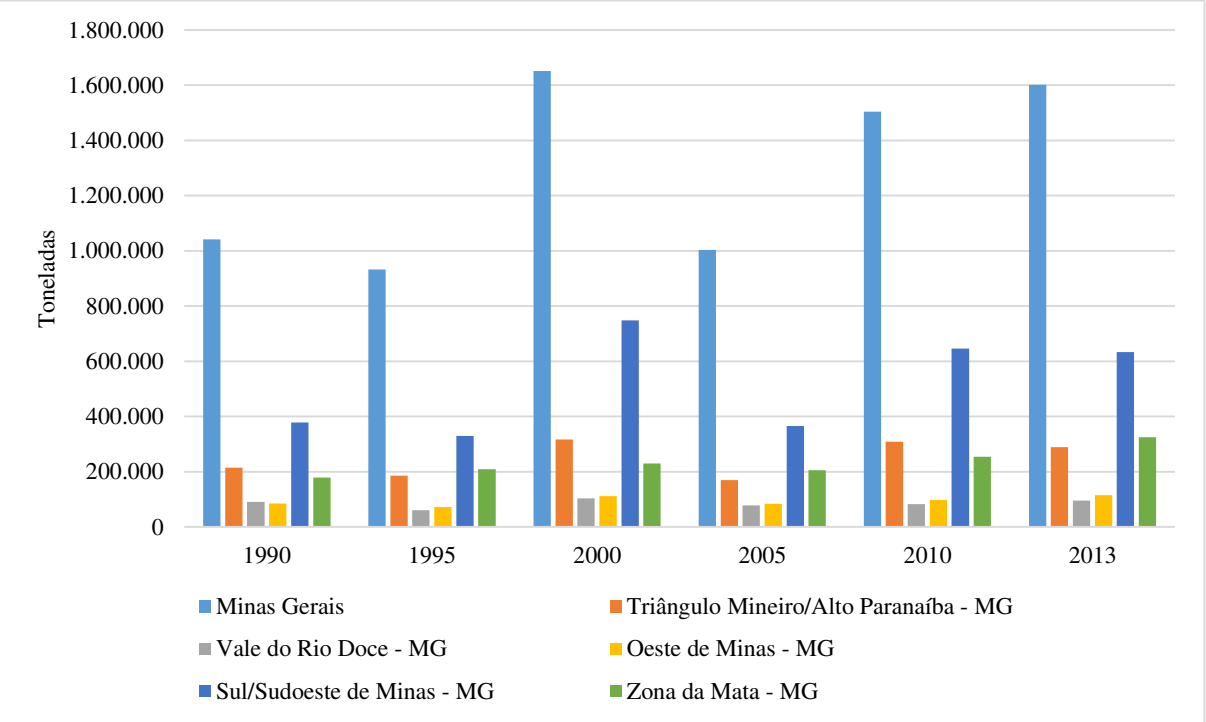
Importante ressaltar que, o Cerrado, em função dos investimentos na modernização da agricultura, é elevado à condição de "celeiro do mundo", como afirma Bacelar (2005). O Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, com esta nova ótica capitalista, passa por um crescimento econômico expressivo, uma reorganização de sua estrutura produtiva em detrimento de impactos sociais e ambientais.

A região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba passou a contar com investimentos maciços de capitais internos e externos, o que favoreceu a infraestrutura para a instalação de grandes empresas nacionais e multinacionais ligados ao setor agropecuário. Segundo Bacelar (2005, p. 24), "vários programas governamentais e também algumas associações entre capital estatal e órgãos multinacionais foram implementados nesta área do Brasil Central." Os

processos ocorridos foram bem esclarecidos por Bacelar (2005), relevância para o Cerrado foi a criação do Programa de Assentamento dirigido do Alto Paranaíba (PADAP), implementado em 1973 de forma pioneira. Depois vieram o Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (POLOCENTRO), lançado em 1975, e o Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento dos Cerrados (PRODECER), lançado em 1976, marcando a parceria do Estado brasileiro com o capital japonês para as áreas dos Cerrados.

Em função dos fatores físicos, localização geográfica e incentivos governamental, o Cerrado mineiro teve a expansão das lavouras de café, antes plantados na região sul do país. A partir do Instituto Brasileiro do Café (IBC), juntamente com o Grupo Executivo de Racionalização da Cafeicultura (GERCA), criou-se o Plano de Renovação e Revigoramento de Cafezais (PRRC), na década de 1970, de acordo com Vale (2014, p. 5), erradicando os cafezais e para recolocá-los nos chapadões das áreas de Cerrado. Na década de 1990, a mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba se torna a segunda maior na produção de café (Gráfico 3).

Gráfico 3: Produção de café em Minas Gerais e nas principais mesorregiões do estado de 1990 a 2013.



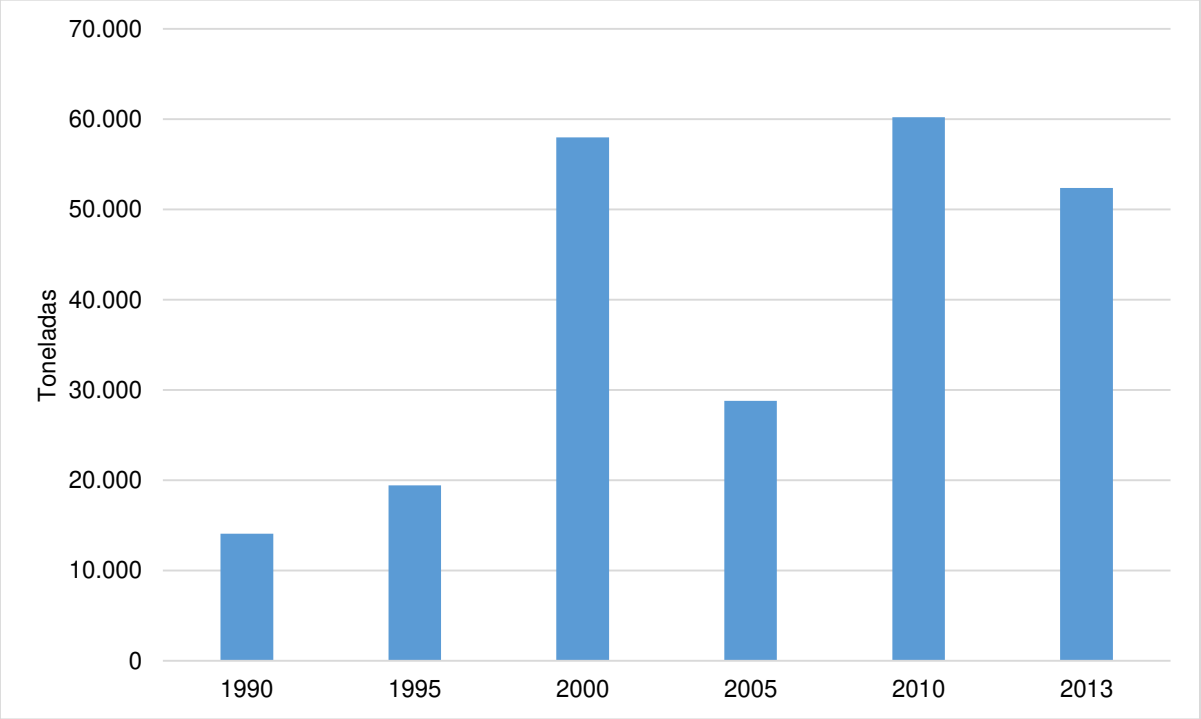
Fonte: IBGE (2015). Org.: Veríssimo, T. O. (2015).

O município de Patrocínio, passou a ser foco dessa nova reconfiguração (Gráfico 4), recebendo, paulistas e principalmente, os paranaenses produtores de café que tiveram suas plantações extintas com a geada de 1975, encontrando no município áreas que permitiam um

bom desenvolvimento do cultivo. Com a consolidação dos produtores, a produção aumentou consideravelmente na década de 1990.

Nos moldes do mercado mundial, a produção agrícola do Brasil sofreu alterações na estrutura produtiva, principalmente com o processo de modernização. Para compreender a modernização da agricultura é necessário nos remeter às mudanças nas bases das técnicas de produção e nas relações capital e trabalho.

Gráfico 4: Produção de café no município de Patrocínio (MG) de 1990 a 2013.



Fonte: IBGE (2015). Org.: Veríssimo, T. O. (2015).

As formas de agricultura de subsistência, onde a produção é destinada para consumo da família produtora e levando somente o excedente para o mercado, passa a dar lugar ao aparecimento de empresas rurais, capitalistas, como afirma Graziano Neto (1985, p. 26), "onde as determinações do mercado e a racionalidade do lucro são os condicionantes fundamentais do processo de produção. " Ou seja, passam a produzir mercadorias, e não alimentos ou outros produtos para consumo próprio.

Desta forma, a modernização da agricultura só se consolida a partir de articulações promovidas por e com políticas públicas direcionadas para o desenvolvimento agropecuário do país, inserindo infraestrutura, programas específicos e desenvolvimentos de pesquisas, como colocado por Matos (2011, p. 74):

> ao optar pelo modelo modernizante da agricultura, o Estado tinha convicções de que esse era um projeto que renderia a expansão da produção agrícola no país e do setor industrial, que fazia parte dos projetos governamentais para o Brasil desde 1930. O campo deveria compartilhar/integrar o crescimento industrial que estava em curso no país. Para isso, era essencial produzir mais culturas que gerassem o *superávit* da balança comercial, ou seja, modernizar, seguindo modelos que já tinham sido implantados em outros países, sobretudo, nos Estados Unidos. (MATOS, 2011, p. 74, grifos da autora).

Ainda conforme Matos (2011, p. 75), os projetos políticos para o desenvolvimento econômico por meio da industrialização capitalista planejada originam-se no Brasil na década de 1930, tornando-se hegemônicos nos anos 1950, em que o Estado priorizou políticas públicas e investimentos elevados em programas de infraestrutura, energia, transportes e indústrias. A agricultura deveria acompanhar essa modernização do território, por isso, o discurso do desenvolvimento estava inserido, também, nas políticas públicas daquelas direcionadas para o campo.

Assim como a expansão da produção das monoculturas de soja, milho, trigo, algodão, cana-de-açúcar, entre outras, é uma característica intensificada no espaço agrário brasileiro com o processo de modernização da agricultura para reprodução do capital, o que promoveu disputas pelo uso do território, haja vista que esse processo foi e continua sendo excludente e concentrador.

A expansão da atividade cafeeira para as Mesorregiões Sul, Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba se consolidaram por apresentarem características edafoclimáticas favoráveis para o desenvolvimento dos cafezais. Em função dos fatores físicos, sobretudo, relevo e solos, Minas Gerais atraiu produtores de café, oriundos do estado do Paraná e São Paulo. O relevo de Patrocínio pode ser dividido em duas grandes áreas: à parte leste, caracterizada por menores altitudes, em torno de 800 metros, e a porção oeste, de maiores altitudes, em torno de 1000 metros. Sua topografia apresenta 60% de sua área constituída de planos, 30% de ondulados e 10% de serras. Conforme Lacerda, et al (2002, p. 2.391), a cafeicultura encontra-se instalada neste ambiente geomorfopedológico, com extensas lavouras, geralmente em áreas contíguas de grandes dimensões. Somado aos fatores físicos, as políticas públicas favoreceram a territorialização da atividade cafeeira em Patrocínio.

Nesse contexto, a cafeicultura gera no município de Patrocínio mais de 20.000 empregos, direta e indiretamente, sendo responsável por 78% da economia municipal, de acordo com a Associação dos Cafeicultores da Região de Patrocínio (ACARPA, 2008). O município conta com cinco cooperativas e associações ligadas ao setor cafeeiro, sendo elas: Cooperativa dos Cafeicultores do Cerrado (EXPOCACCER); ACARPA; Conselho dos

Cafeicultores do Cerrado (CACCER); Cooperativa de Patrocínio (COOPA); e Associação dos Pequenos Produtores do Cerrado (APPCER). Com essas organizações, foi possível obter o reconhecimento da origem da *commodity*, emitindo o certificado de origem "Café do Cerrado", que a partir de 2011 muda sua denominação para "Região do Cerrado Mineiro" (Imagens 1 e 2), conforme colocado por Souza (2012).

Imagem 1 - Selo da antiga certificação de Café do Cerrado.



Fonte: Brasil Agrícola.com, 2015.

Imagem 2 - Selo da atual certificação da Café da Região do Cerrado.



Fonte: Conselho Nacional do Café, 2015.

Em busca de maior produtividade e rentabilidade os cafeicultores de Patrocínio e da região geraram um produto reconhecido internacionalmente. O café antigamente conhecido como Café do Cerrado, foi uma marca registrada de uma região composta pela Mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, reunindo 55 municípios e 4.500 produtores, fundada em 1995, como intuito de armazenar e representar política e institucionalmente as regiões produtoras, almejando fornecer aos produtores suporte comercial tanto no mercado interno, quanto no externo (EXPOCACCER, 2015).

Em Patrocínio, o papel das cooperativas e associações dos produtores de café é de fundamental importância para o alcance dos resultados. Conforme dados da ACARPA, existem cerca de 670 produtores e 750 propriedades produtoras no município. Por meio das cooperativas (Foto 1) e associações é que os pequenos produtores conseguem se inserir no mercado competitivo cafeeiro, aumentando produtividade, qualidade e certificação. Para atender a demanda da produção cafeeira, segundo a ACARPA (2008), o município possui o maior polo de armazenamento de café da região, que representa 15% da produção nacional armazenada. Da produção municipal da *commodity*, 80% é destinada para exportação e 20% para o mercado nacional. A maior parte da produção cafeeira tem a intenção de atingir elevada qualidade e

agregar valor no produto, dessa forma, o pequeno produtor precisa se apoiar em núcleos e associações que dão acesso aos créditos e negociações, tanto para produzir, como para comercializar.

Foto 1 - Galpão da EXPOCACCER em Patrocínio (MG).



Fonte: EXPOCACCER (2015).

Sob esta ótica da modernização da agricultura e atendendo as novas demandas do agronegócio, a relação campo-cidade de Patrocínio se transforma no ritmo da expansão do café, assim, a cidade concentra bens, equipamentos e serviços ligados aos setores cafeeiros, principalmente, dando suporte no desenvolvimento da atividade, produção, armazenagem, comércio e consultoria. Conforme colocado por Elias (2013, p. 24),

> tal situação se dá, principalmente, porque o agronegócio tem o poder de impor especializações territoriais cada vez mais profundas. As demandas das produções agrícolas e agroindustriais intensivas têm o poder de adaptar as cidades próximas às suas principais demandas, em virtude de fornecerem a grande maioria dos aportes técnicos, financeiros, jurídicos, de mão-de-obra e de todos os demais produtos e serviços necessários à sua realização. Quanto mais intensiva e globalizada a agropecuária, mais urbana se torna a sua gestão, dinamizando o terciário e, consequentemente, a economia urbana. (ELIAS, 2013, p. 24).

A cidade de Patrocínio foi se reestruturando para a cafeicultura, no qual, nas últimas décadas, a cidade experimentou um crescimento em sua população e passou a melhorar a infraestrutura urbana devido ao aumento da arrecadação oriunda do café. Conforme Morais (2006, p. 99), Patrocínio é extremamente dependente da economia cafeeira, uma vez que mais de 70% da receita municipal é gerada pela atividade cafeeira.

Sendo assim, a relação campo-cidade de Patrocínio é fortemente evidenciada pela sua estrutura que atende aos produtores de café, aos funcionários do setor e para a movimentação comercial do capital do café. As associações e cooperativas instaladas na cidade, universidade com cursos para atender as demandas da produção de café (criou-se um curso específico de Cafeicultura), escritórios de corretagem e de consultoria, lojas de equipamentos e insumos, bem como os serviços ofertados, respondem para o novo formato de produção do café.

4 Considerações finais

A atividade cafeeira sofreu transformações no decorrer da sua história e alterou a sua organização no território brasileiro. Com essas mudanças, o município de Patrocínio é totalmente atingido e transformado pela produção de café, tendo sua economia sustentada pela *commodity*. A ocupação de seu território pelos cafezais foi incentivada na década de 1970, após a geada no Paraná, onde concentrava na época, maior parte da produção brasileira, e com a iniciativa de Políticas Públicas na agricultura, assim como áreas que possuem características físicas adequadas para o cultivo de café.

O modelo de produção agrícola, sob os ditames do mercado globalizado, necessita de aparatos para atender suas demandas, não acontecendo de forma diferente com o café, uma vez que, Patrocínio foi reconfigurada de acordo com a atividade cafeeira, em que seus, equipamentos e serviços são voltados, maiormente para o setor, assim como a economia é basicamente sustentada por ele. Exemplo dessa transformação é a criação das cooperativas e associações de produtores de café, sendo de suma importância para a negociação do café, assim como melhorias nas técnicas do cultivo e na qualidade final do produto, juntamente com as empresas de insumos específicas para o setor cafeeiro.

Tal constatação parte pelo suporte que o método do materialismo histórico dialético fornece na compreensão das transformações no município de Patrocínio. É necessário o entendimento de todo o contexto geral do Brasil, em relação aos processos ocorridos na agricultura na formação histórica do território brasileiro, até focar na parte mais singular, no caso, Patrocínio e o café.

Dessa forma, constou-se que a relação campo-cidade em Patrocínio foi construída pelo setor cafeeiro, transformando a cidade é um centro de referência para o café, tanto no sentido de comercialização nacional e internacional, como para a produção e melhoria do produto, destacando-se no cenário do agronegócio como a cidade do café.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2007, 296 p.

ASSOCIAÇÃO DOS CAFEICULTORES DA REGIÃO DE PATROCÍNIO – ACARPA. **Dados da cafeicultura**. Disponível em: <http://www.acarpa.com.br/dados.php> Acesso em: maio de 2015.

BACELAR, Winston Kleber de Almeida. **Os mitos do "sertão" e do Triângulo Mineiro**: as cidades de Estrela do Sul e de Uberlândia nas teias da modernidade. Uberlândia: Compooser, 2005.

BRASIL AGRÍCOLA.COM. **Produtores de Patrocínio-MG comemoram reconhecimento do café com selo de origem**. Disponível em: <http://www.brasilagricola.com/2014/08/produtores-de-patrocinio-mg-comemoram.html>. Acesso em: jun. 2015.

CAPEL, Horacio Sáez. **Filosofía y ciencia em la Geografia conteporánea**: uma introducción a la Geografia. 2. ed. Barcelo: Barcanova, 1983.

CONSELHO NACIONAL DO CAFÉ – CNC. **Plano para mercado do café em MG é apresentado em Patrocínio**. Disponível em: <http://www.cncafe.com.br/site/interna.php?id=10720>. Aceso em: jun. 2015.

COOPERATIVA DOS CAFEICULTORES DO CERRADO – EXPOCACCER. **Galeria de fotos**. Disponível em: <http://www.expocaccer.com.br/expo/#album/4>. Acesso em jun. 2015.

ELIAS, Denise. Globalização, agricultura e urbanização no Brasil. **ACTA Geográfica**. ed. Esp. Geografia Agrária. p. 13-32, 2013

FREDERICO, Samuel. Circuito espacial produtivo do café e o jogo de escalas. **Mercator**. Fortaleza, v. 13, p. 37-48, jan/abr, 2014.

FREDERICO, Samuel. Lógica das commodities, finanças e cafeicultura. **Boletim Campineiro de Geografia**. v. 13, p. 97-116, 2013.

FREDERICO, Samuel. Globalização, competitividade e regionalização: a cafeicultura científica globalizada no território brasileiro. **GEOUSP** - Espaço e Tempo, São Paulo, v. 18, p. 55-70, 2014.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GRAZIANO NETO, Francisco. **Questão agrária e ecologia**: crítica da moderna agricultura. São Paulo. Brasiliense. 1985.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Produção Agrícola Municipal**. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/acervo/acervo2.asp?e=v&p=PA&z=t&o=11> Acesso em: fev. 2015.

LACERDA, Marilusa Pinto Coelho. et. al. Caracterização de agrossistemas cafeeiros de Minas Gerais, por meio do Spring. Parte III: Agrossistema de Patrocínio. In: II Simpósio de Pesquisa dos Cafés do Brasil, 2001, Vitória. **Anais do II Simpósio de Pesquisa dos Cafés do Brasil**. Vitória, EMBRAPA Café, p. 2.386-2.393.

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA. **Informe Estatístico do Café**. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/vegetal/estatisticas> Acesso em: jun. 2015.

MATOS, Patrícia Francisca de. **As tramas do agronegócio nas "terras" do Sudeste Goiano**. 374 f. Tese (Doutorado em Geografia)- Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, Uberlândia, 2011.

MATOS, Patrícia Francisca de; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. A modernização da agricultura no Brasil e os novos usos do território. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 22, 2011, p. 290-322.

MENDOZA, Josefina Gómez; JIMÉNEZ, Julio Muñoz; CANTERO, Nicolás Ortega. **El pensamento geográfico**: estudio interpretativo y antologia de textos (De Humboldt a las tendencias radicales). 2ª ed. Madrid, Alianza Editorial, 1994.

MORAIS, Marcelo Orozco. **O café do Cerrado em Patrocínio (MG), um exemplo do processo de modernização da agricultura brasileira**. 116f. Dissertação (mestrado em Geografia). Universidade Federal Fluminense, 2006.

PANOBIANCO, Daniel. Especial – 35 anos da geada de 1975. **Revista Cafeicultura**. Disponível em: <http://www.revistacafeicultura.com.br/index.php?mat=34022>. Acesso em: jun. 2015.

RIQUE, Lenyra da Silva. **Do senso comum à geografia científica**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4.ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

SOUZA, Glaycon Vinícius Antunes. Cafeicultura científica e globalizada: Patrocínio, uma cidade do campo. In: XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária, 2012, Uberlândia. **Anais do XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária**. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 2012, 16 p.

VALE, Ana Rute do; CALDERARO, Rodrigo Alexandre Pereira; FAGUNDES, Francielly Naves. A cafeicultura em Minas Gerais: estudo comparativo entre as regiões Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba e Sul/Sudoeste. **Campo e território**: revista de geografia agrária. Edição especial do XXI ENGA-2012, p. 1-23, 2014.